

O projeto do calçadão de Santa Maria [RS]: entrevista com o arquiteto Luiz Gonzaga Binato de Almeida

DOI: 10.20396/labore.v15i00.8664871

Filipe Bassan Marinho Maciel

<<https://orcid.org/0000-0003-2202-2684>>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Porto Alegre [RS] Brasil

RESUMO

O artigo resulta de uma entrevista realizada com o autor do projeto do calçadão de Santa Maria (RS) Brasil. Nesta entrevista, o arquiteto Luiz Gonzaga Binato de Almeida fala sobre a concepção do projeto original do calçadão de Santa Maria (RS) (1979) e reflete a respeito dos seus mais de 40 anos de ocupação.

PALAVRAS-CHAVE

Projeto urbano. Calçadão. Desenho urbano. Pedestrianização. Patrimônio. Entrevista.

The Santa Maria city [state of Rio Grande do Sul, Brazil] pedestrian-only street project: interview with architect Luiz Gonzaga Binato de Almeida

ABSTRACT

In this interview, architect Luiz Gonzaga Binato de Almeida talks about the conception of the original design of Santa Maria's pedestrian-only street (1979) and reflects on its more than 40 years of occupation.

KEYWORDS

Urban project. Pedestrian-only street. Urban design. Pedestrianization. Heritage. Interview.

1. Introdução

Vias exclusivas para pedestres – popularmente conhecidas como ‘calçadas’ – surgiram na Europa e na América do Norte para compensar o crescente número de automóveis em circulação nas densas áreas centrais, evitando assim o conflito entre diferentes usuários do espaço. Também serviram para revitalizar áreas comerciais centrais, que perderam público consumidor para os então recentes shoppings centers de subúrbio (Mehta, 2013). Enquanto espaços públicos, os calçados oferecem oportunidades para atividades diversas como compras, lazer, alimentação, descanso, passeio e entretenimento. São tecnicamente apropriados quando existe comércio nos dois lados da rua gerando travessias frequentes de pedestres, no meio de quadra e em múltiplas linhas de desejo. Quando bem situados, projetados e mantidos, os calçados tendem a se tornar um local de destino e resultam em benefícios econômicos para o comércio adjacente (NACTO, 2018).

Em 1972, enquanto as principais capitais brasileiras iam sofrendo intervenções para facilitar a circulação de automóveis, Jaime Lerner¹, então prefeito, comanda em Curitiba a construção do primeiro calçado do país. Após algum tempo de adaptação, o calçado consolidou-se e inspirou intervenções semelhantes em outras cidades, inclusive no interior do Brasil. Desde o estabelecimento do desenho urbano como campo de conhecimento próprio e a publicação nos anos 1960 de “Morte e Vida de Grandes Cidades”² (Jacobs, 2000), voltou-se a discutir o valor social e cultural das ruas. Hoje, na conjuntura da supervalorização dos espaços privados, abordagens de planejamento urbano baseadas na dimensão humana defendem a oferta de mais espaços públicos qualificados para pedestres, a fim de se obter cidades mais sustentáveis, animadas e seguras (Gehl & Svarre, 2017). E projetos alinhados a essa agenda mantêm-se relevantes para a discussão crítica do tema.

Desde criança, alguns espaços públicos despertavam minha atenção quando passeava pelo centro de Santa Maria³ (RS), pois eles se diferenciavam dos demais através de seus elementos. O calçado original (Figura 1), por exemplo, tinha luminárias esféricas que eu só via por lá; o chafariz fazia a praça ser muito atrativa e a Rua 24 Horas possuía uma estrutura metálica colorida. Todos esses espaços foram pedestrianizados, isto é, passaram a priorizar o seu acesso aos pedestres. Depois de cursar Arquitetura e Urbanismo e fazer pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, interessei-me em dar contexto a esses espaços da minha cidade, buscando conhecer e transmitir a sua história. Em 2019, ano em que o calçado completou 40 anos, entrei em contato com o arquiteto que o projetou: Prof. Luiz Gonzaga Binato de Almeida. Nascido em Carazinho (RS) e formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1972), de Porto Alegre, Binato dedicou-se à docência em diferentes escolas de Arquitetura e vivenciou na prática o desenvolvimento de uma série de obras inovadoras na



Figura 1. O Calçado de Santa Maria. Fonte: AHMSM [198-a].

¹ Jaime Lerner (1937-2021) foi um arquiteto, urbanista e político brasileiro filiado ao Democratas (DEM). Foi prefeito de Curitiba por três vezes (1971-1975, 1979-1984 e 1989-1993) e governador do estado do Paraná por duas vezes (1995-1998 e 1999-2002). Fonte: O Globo. (2021). Morre o arquiteto e urbanista Jaime Lerner, 'pai' dos BRTs e ex-governador do Paraná. Recuperado em 30 jun.2021 de <https://oglobo.globo.com/brasil/morre-arquiteto-urbanista-jaime-lerner-pai-dos-brts-ex-governador-do-parana-25035992>

² Influente livro da jornalista americana Jane Jacobs (1916-2006), a qual, a partir de observações do cotidiano, discorre sobre o que torna as ruas seguras ou inseguras; as funções dos bairros no conjunto complexo da cidade e o que os fazem prosperar ou se degradar.

³ Cidade média localizada na região central do Rio Grande do Sul, distante 293 km da capital Porto Alegre e que constitui a quinta maior população absoluta do estado: em 2010 totalizavam 261.027 habitantes. Fonte: ADESM – Agência de Desenvolvimento de Santa Maria. (2016). Santa Maria em dados. Lazer e Esporte. Recuperado em 30 jun.2021 de <http://santamariaemdados.com.br/sociedade/8-6-lazer-e-esporte/>. IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística. (2010). Censo 2010 – Sinopse por Setores. Recuperado em 30 jun.2021 de <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/>

cidade de Santa Maria. Cheguei a formular questões básicas para o meu interlocutor, mas dada a espontaneidade com que nossa conversa se deu, acabamos por realizar uma entrevista, em grande parte, não estruturada, conduzida principalmente pelo seu relato. Eventualmente, expus minhas dúvidas. Esta entrevista foi transcrita e organizada em blocos temáticos, que contam a trajetória de um dos espaços mais simbólicos de Santa Maria (RS).

2. O envolvimento com o projeto do calçadão

BINATO: Eu era professor no Curso de Arquitetura da UNISINOS. Um colega muito importante era o Prof. José Albano Volkmer⁴, um líder. Ele foi presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e também do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA). Na época, ele também lecionava na Universidade Federal de Santa Maria⁵ (UFSM), aos sábados. Naquele tempo, ainda não tínhamos o curso de Arquitetura na cidade⁶. Só existia o curso de Engenharia Civil da UFSM, que era bem consagrado, onde havia as disciplinas Urbanismo I e II, que eram dadas, geralmente, por pessoas de fora. Uma delas era o Albano Volkmer, que estava muito atribulado. Eles não tinham professores especializados aqui, em certas áreas. Então, eram muito comuns, na década de 1970, os professores visitantes, que vinham aqui, davam aula e voltavam. Geralmente vinham de Porto Alegre. O Albano chegou *pro* mim e perguntou o que eu achava de vir aqui para Santa Maria lecionar Urbanismo. Eu disse: “Olha, ir na sexta-feira à noite e voltar no sábado, ao meio dia, depois da aula, é bem interessante. Até tenho parentes por lá”. Isso foi em 1976, segundo semestre. Casei em fevereiro de 1977 e em março estava em Santa Maria. Não vim *pro* ficar em definitivo, mas me acostumei tão bem aqui. A parte cultural, à qual também me dediquei, para uma cidade do interior, acho muito interessante.

BINATO: A UFSM tinha uma fama muito boa, em termos de promessas para o futuro. Lecionei Urbanismo I e II e Arquitetura I e II também, porque, na época, não tendo aqui nenhum curso de Arquitetura, os engenheiros eram quem, praticamente, trabalhavam com projeto arquitetônico. Os pouquíssimos arquitetos locais não chegavam nem a dez. Praticamente existia o escritório do Pepe Reyes⁷ e mais alguns colegas, como o Prof. José Antônio Brenner⁸, que também projetava. Então, nós não tínhamos uma tradição aqui em termos de Arquitetura. Por isso mesmo, era muito bem vista a existência das disciplinas de Arquitetura para os engenheiros. Tive uma experiência bastante interessante com os alunos de Engenharia. Eram muito disciplinados, me respeitavam muito, talvez porque eu era uma pessoa de fora. Alguns eram até mais velhos do que eu. Eu me considerava novo, eu tinha 28 anos naquela época. E aí a UFSM me ofereceu, no final do ano, a possibilidade de trabalhar 40h aqui, tempo integral.

BINATO: Eu recebi um convite do prefeito. Isso, porque nós tínhamos uma pessoa muito importante, em minha opinião, em termos de visão sobre planejamento urbano: o Carlos Alberto Robinson⁹. Se não me engano, ele havia feito um curso de especialização no PROPUR, em Porto Alegre. Era formado em Direito,

⁴ José Albano Volkmer (1942-2007) foi um arquiteto brasileiro, conhecido pela carreira docente e por sua liderança em várias instituições ligadas à arquitetura. Fonte: Costi, M. (s.d.) José Albano Volkmer. Recuperado em 30 jun.2021 de <https://docomomo.org.br/old/porta-retratos/portaretratos%20Volkmer.htm>

⁵ Primeira universidade pública do interior do Brasil, inaugurada em 1960.

⁶ O primeiro curso de Arquitetura e Urbanismo em Santa Maria foi criado na UFSM em 04/09/1992. Fonte: Conexão UFSM. (2010). Cronologia UFSM – Parte 05. Recuperado em 30 jun.2021 de <http://coral.ufsm.br/revista/numero05/cronologia5.html>

⁷ Pepe Reyes é um arquiteto colombiano. Iniciou a graduação em Madrid, finalizando-a na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre. Estabeleceu-se profissionalmente em Santa Maria no final dos anos 1960. Fonte: Bersch, M. (2011). *A paixão por uma cidade* (52). Pepe Reyes, o colombiano que veio atrás da mulher. E não saiu mais. Recuperado em 30 jun.2021 de <https://claudemirpereira.com.br/2011/05/a-paixao-por-uma-cidade-52-pepe-reyes-o-colombiano-que-veio-atras-da-mulher-e-nao-saiu-mais/>

⁸ José Antônio Brenner (n. 1934) é um arquiteto, professor e pesquisador santa-mariense formado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1958. Foi o primeiro professor a lecionar no campus da UFSM, em março de 1962, no curso de Engenharia Civil. É autor de diversos livros. Fonte: UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. (2014). José Antonio Brenner: o arquiteto de histórias. Recuperado em 30 jun.2021 de <https://www.ufsm.br/2014/04/17/%E2%80%8Bjose-antonio-brenner-o-arquiteto-de-historias/>

⁹ Carlos Alberto Robinson (n. 1946) é um advogado, professor e político brasileiro. Em Santa Maria atuou como assessor jurídico (1971-1972); vereador (1973-1976); Secretário de Planejamento (1977-1980, 1997); professor (1986-2002), Coordenador do Curso de Direito da UFSM (1988-1989), Pró-Reitor de extensão da UFSM (1991-1993) e Vice Coordenador Nacional do Fórum de Pró-Reitores de Extensão. Fonte: Justiça do Trabalho. TRT da 4ª Região RS. (s.d.) Perfil – Carlos Alberto Robinson. Recuperado em 30 jun.2021 de trt4.jus.br/portais/media/431022/Perfis_-_Carlos_Alberto_Robinson.pdf

tinha sido vereador e queria renovar a cidade. Ainda não existia o termo Secretário de Planejamento, mas o Carlos exercia de fato essa função. Então, ele me indicou ao prefeito Osvaldo Nascimento da Silva¹⁰, cujo primeiro mandato iniciou-se em 1977. Assumi como Assessor de Planejamento do Gabinete do Prefeito. Meu chefe, de fato, não era o prefeito, mas sim o Carlos Alberto Robinson. Ele tinha muita preocupação com a questão do urbanismo e uma visão pluridisciplinar. Por isso mesmo, na mesma ocasião, vários engenheiros foram convidados para colaborem junto à prefeitura. Uma “obra de ponta” – como chamavam – que se tornou uma tendência brasileira a partir de Curitiba e outras cidades, inclusive Porto Alegre, era a pedestrianização dos centros urbanos. O calçadão foi a primeira obra que revolucionou a nossa cidade. Posso dizer isso, porque houve reação a ela. Muita gente achava que um calçadão iria “matar” a chamada Primeira Quadra da Rua Dr. Bozano (Figura 2).

BINATO: Ora, como é que eu via isso... Por volta de 1795, quando a cidade começa, criou-se a Rua do Acampamento. Sabe-se que a Dr. Bozano é a segunda rua da cidade (Figura 3). Pelo fato de ser plana, não sujeita a inundações, ela é, obviamente, muito adequada ao comércio, oferecendo boas condições para essa atividade. É muito desagradável para o comércio uma rua com subida ou descida. A não ser que não se tenha outro jeito. Então... A Dr. Bozano é tão apropriada que o seu primeiro nome foi Rua Pacífica e, depois, Rua do Comércio. Ela só mudou de nome por causa de uma homenagem ao Dr. Bozano¹¹ na década de 1920, que morreu em um conflito com as tropas do Luís Carlos Prestes¹². O caráter da rua sempre foi comercial e eu acho que, ainda hoje, a Dr. Bozano é a mais valorizada de toda a cidade, em termos de valor de metro quadrado dos imóveis e dos aluguéis.



Figura 2. A Primeira Quadra da Rua Dr. Bozano antes da pedestrianização. Fonte: AHMSM [entre 1920 e 1960].

¹⁰ Osvaldo Nascimento da Silva (n. 1935) é um advogado e político brasileiro. Em Santa Maria atuou como vereador (1973-1976) e prefeito (entre 1977-1982 pelo Movimento Democrático Brasileiro – MDB e entre 1997-2000 pelo Partido Trabalhista Brasileiro – PTB). Fonte: CPDOC-FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. (s.d.) Osvaldo Nascimento da Silva. Recuperado em 30 jun.2021 de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/osvaldo-nascimento-da-silva>

¹¹ Júlio Raphael de Aragão Bozano foi intendente municipal, eleito e morto em 1924. Fonte: Belém, J. (1989). História do Município de Santa Maria – 1797-1933. Edições UFSM.

¹² Luís Carlos Prestes (1898-1990) foi um militar e político brasileiro, símbolo da extrema-esquerda, que ganhou fama nacional ao liderar a Coluna Prestes na década de 1920. Fonte: Velasco, V. (s.d.). Infoescola. Recuperado em 30 jun.2021 de <https://www.infoescola.com/biografias/luis-carlos-prestes/>



Figura 3. Mapa esquemático do Centro de Santa Maria. Fonte: adaptado de Google (2021) e Maciel et al. (2021, p. 6).

BINATO: A Dr. Bozano é interessante porque as gerações anteriores - a do meu pai e a do meu avô - a chamavam de Primeira Quadra. E o que era a Primeira Quadra? Era o local onde todo mundo gostava de passear. Havia uma tradição aqui, que era utilizá-la para o footing. Embora circulassem carros ali, as moças namoradeiras iam *pra* lá e *pra* cá nas calçadas e a rapaziada ficava na sarjeta, paquerando. Uma moça passava por um rapaz pela primeira vez. Se ele falasse com ela ou fizesse algum gesto e ela passasse por ele novamente, isso era um sinal de que ela estava a fim dele. A TV OVO fez um documentário sobre as moças da época, hoje senhoras, que comentam como é que isso funcionava (TV OVO, 2009). Então, em 1977, quando se falou em fazer qualquer mudança na Dr. Bozano, a turma que defendia essa tradição achou que iria morrer esse encontro, essa animação. Pelo contrário: eu acho que nós estaríamos consagrando o uso exclusivo para o pedestre. E o carro não ajudaria em nada disso. E, no momento em que o trânsito fosse fechado e se fizesse uma calçada contínua, logicamente, o leito seria muito mais animador.

BINATO: O calçadão de Curitiba, feito no governo do Jaime Lerner, foi o grande exemplo da época. Eu fui conhecê-lo, junto com o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), onde fiz estágio em outra ocasião. Fui visitar a obra, não para copiar, mas para ver, avaliar. Não existia o cargo de arquiteto na Prefeitura de Santa Maria. Então, eu era o arquiteto, trabalhando com cargo de confiança. Aí começamos a batalhar para que tivesse mais arquitetos. Consegui, então, uma colega, a Sílvia¹³, formada em Pelotas. Existiu também a Valéria¹⁴. Ela se formou também fora e trabalhou comigo um tempinho, de dois a três meses. Logo depois, veio a Sílvia, que fez e acompanhou o projeto comigo. Depois, a execução da obra coincidiu com a saída dela do cargo. Então não tive mais notícias dela.

BINATO: Diga-se de passagem, eu tive muitas oportunidades durante o governo do Nascimento. Eu coordenei o Plano Diretor¹⁵, que uma empresa de São Paulo chamada Proplasa¹⁶ estava fazendo. Foi uma

¹³ Sílvia Inez Zembruskí Nunes, formada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 1978, foi a arquiteta que acompanhou o final do projeto do calçadão auxiliando Binato.

¹⁴ Valéria Ferraro Athayde, formada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) em 1977, foi a arquiteta que trabalhou por alguns meses no projeto do calçadão auxiliando Binato.

¹⁵ O segundo Plano Diretor da cidade foi aprovado em 1979.

¹⁶ Projetos e Planejamento S.A. (Proplasa).

excelente oportunidade profissional acompanhar um Plano Diretor feito por uma equipe nacional, já que eu era professor de Urbanismo. Tinha até técnicos como o Burle Marx¹⁷, que veio aqui para ver a parte de Paisagismo. Era de ponta. Alguns, logicamente, criticavam porque era pessoal de fora. Porque, é lógico, o ideal era que fosse feito pelos “donos da terra”, mas nós não tínhamos urbanistas aqui. Agora nós temos. Quando o Plano Diretor foi aprovado na Câmara, eu acho que eu já não estava mais na Prefeitura. A Proplasa fez também uma reforma administrativa total e criou uma Secretaria de Planejamento, que até então não existia, com um secretário, desenhistas. Eu acompanhei também esse trabalho, mas de longe. O iníciozinho da Secretaria de Planejamento foi no andar de baixo do atual Museu de Arte de Santa Maria, na Av. Presidente Vargas. Foi lá que eu projetei o calçadão.

BINATO: Mas eu acho fundamental que tu conheças um fato importantíssimo. O projeto do calçadão foi feito dentro do Programa de Apoio às Cidades de Porte Médio, sem qualquer custo para o Município. O Robinson tinha muita visão e bons informantes políticos. Havia uma série de pessoas muito favoráveis à cidade... Um que foi muito importante foi o político Carlos Renan Kurtz¹⁸, formado em direito. Ele foi cassado pelo governo militar e impedido de ter qualquer cargo público. Mas, como santa-mariense, ele assessorava o Robinson e gostava de urbanismo. Então, tinham alguns idealistas na cidade que, independentemente do cargo que ocupavam, ajudavam. Outro foi o João Gilberto Lucas Coelho¹⁹, que embora não fosse santa-mariense, foi deputado e nos trazia muita coisa, se mantinha muito alerta.

FILIFE: O prefeito da época era mais progressista?

BINATO: Na real, o Carlos Alberto Robinson que era. O prefeito era advogado e aceitava bem os técnicos. Aliás, havia muitos professores da UFSM trabalhando nos projetos. Eu acho que não era tão normal, na época, essa experiência prática que os professores tiveram nas suas áreas de conhecimento. Eu era o professor de Urbanismo, que assessorava.

3. O partido

BINATO: Partimos de um levantamento dos estabelecimentos comerciais existentes. Foi necessário um trabalho junto a eles, porque a obra iria ser meio demorada e iria atrapalhar muito. Imagina só, tirar o asfalto da rua... O que eu procurei com o projeto? Que tivesse vegetação, bancos e que fosse uma área agradável, de lazer, de animação e de encontro (Figura 4). Não era somente fechar a rua para o trânsito. E aí tinham vários tipos de bancos. Um deles criava arranjos como se a pessoa estivesse em uma sala de estar: se dispõe um banco aqui, outro ali, de modo que as pessoas possam tomar chimarrão e conversarem. Para esse eu procurei um desenho bem tradicional, com ripas de madeira, semelhante a uns bancos que tinham na Praça Saldanha Marinho, antes da reforma dos anos 1930. Também tinham uns bancos circulares, em volta de uma árvore que fazia sombra, que eram os sociofugidios. Esses eram para aquelas pessoas que não querem estar sozinhas, que querem se sentar ao lado de outros, mas sem olhar nos olhos dos outros. Tinha outro banco também, intermediário, que funcionava isolado, como se fosse um sofá.

BINATO: Para o piso eu procurei criar um desenho geométrico de duas cores, de modo que quem olhasse de cima - tem muita gente vendo de cima o calçadão - observasse um desenho explícito para ele (Figura 5). Ele era todo feito com quadrados e retângulos que se entremeavam, formando um painel. Eu fiz questão de ver isso em maquete. Tinham algumas floreiras fixas, mas também uma série de muretas de tijolo à vista, ao longo de todo o calçadão, onde se apoiavam umas floreiras industriais, pré-moldadas em amianto, que podiam ser removidas. Quer dizer, se as flores morressem, as floreiras eram trocadas. Naquele tempo tinham

¹⁷ Roberto Burle Marx (1909-1994) foi um paisagista e artista plástico brasileiro, renomado internacionalmente. Realizou mais de três mil projetos de paisagismo em 20 países. Foi também pintor, escultor, tapeceiro e criador de jóias. Fonte: D. Frazão (2020). Biografia de Roberto Burle Marx. Recuperado em 30 jun.2021 de https://www.ebiografia.com/roberto_burle_marx/

¹⁸ Carlos Renan Kurtz (1937-2015) foi um advogado e político brasileiro. Em Santa Maria, foi presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFSM durante sua graduação, vereador (1964) e secretário de Administração da Prefeitura de Santa Maria (1968-1972). Fonte: CPDOC-FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. (s.d.) Carlos Renan Kurtz. Recuperado em 30 jun.2021 de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-renan-kurtz>

¹⁹ João Gilberto Lucas Coelho (n. 1945) é um advogado e político brasileiro. Em Santa Maria, foi eleito vereador (1972) pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e técnico contratado pela prefeitura (1969-1971). Foi três vezes deputado federal e vice-governador do Rio Grande do Sul na gestão de Alceu Collares (1991-1995). Fonte: CPDOC-FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. (s.d.) João Gilberto Lucas Coelho. Recuperado em 30 jun.2021 de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/coelho-joao-gilberto-lucas>

os orelhões, que eram os telefones públicos. Eu criei uns elementos de acrílico para protegerem os aparelhos e os usuários, da chuva e do sol. Dava *pra* três pessoas utilizarem. Todo o mobiliário foi desenhado. Nada era industrializado, a não ser o piso, as floreiras e as lixeiras. Teve certa reclamação dos bombeiros, embora naquele tempo não se falasse em Boate Kiss²⁰. Eu submeti o projeto à apreciação deles, que fizeram uma vistoria antes da inauguração. E eles acharam que se houvesse um incêndio, teriam algumas dificuldades com as luminárias. Então, eles exigiram hidrômetros, naturalmente. Eles existem nas floreiras, não sei se funcionam ainda. Mas nós tivemos sorte: em quarenta anos não houve nenhum princípio de incêndio.



Figura 4. Elementos de projeto do calçadão. Fonte: AHMSM [198-b].



Figura 5. Vista aérea do calçadão, com destaque para o desenho geométrico do piso. Fonte: AHMSM [198-c].

²⁰ Boate em Santa Maria (RS), local do incêndio que matou 242 pessoas na madrugada de 27/01/2013.

FILIFE: Teve alguma intenção do calçadão resolver conflitos entre carros e pedestres?

BINATO: Não, não teve. Porque a Dr. Bozano já era uma rua que era fechada algumas horas da noite para permitir o tal do *footing*. Passava carro, mas pouco. Eu não vivi aqui nessa época, mas quando eu era adolescente, em algumas vezes que eu vim *pra cá*, ela era fechada pra permitir essa circulação. As moças e os rapazes saíam do cinema, à noite, e iam às confeitarias. Havia muitas mais do que essa em que estamos aqui. As famílias também circulavam muito à noite. Tinham três cinemas na cidade, que funcionavam ao mesmo tempo. O Imperial, um Art Decó que tem uma escultura na fachada, onde hoje é a Eny²¹ (ali, eu fiz a recuperação). Tinha mais de 1.000 lugares. As pessoas saíam dali e vinham para cá. Ali abaixo da praça, onde hoje é um templo, era o cinema Glória, gigantesco, com 1800 lugares. E tinha outro cinema bem em frente à Praça, o Cine Independência, que foi inaugurado em 1922. Hoje é o Shopping Popular. Eram três cinemas grandes, porque naquele tempo não tinha tanta televisão como hoje e o pessoal tinha segurança de andar pela rua. O pessoal saía e vinha *pra cá*, passear, olhar as vitrines, paquerar, tomar sorvete... Tinham muitos restaurantes, cafés, na Rua do Acampamento em frente à praça, e por aqui também, na Galeria do Comércio. Era um sucesso o centro da cidade, muito mais dinâmico do que hoje.

4. Execução, inauguração e ocupação

BINATO: Transcorreu mais ou menos um ano entre projeto e execução, sendo complicado porque mexia numa parte vital da cidade: tivemos que parar o trânsito, havia muita sujeira e desorganização. O responsável técnico era o Milton Kohlrausch, que foi meu aluno de Engenharia Civil. O Milton era casado com a filha do Portela, da Construtora Portela, que fez a execução. A inauguração do calçadão foi grandiosa, em maio de 1979. O povo veio “a toda”. Mas foi muito engraçado porque foi feito um palanque aqui na frente, sabe como é política né... O Zanatta, que era da assessoria jurídica do prefeito, estava organizando o festejo: “Prof. Binato, podemos abrir na semana de aniversário de Santa Maria?”. “Ah, podemos”. E foi uma “pauleira”, obra dia e noite. Mas foi um sucesso. Era uma novidade. Fazia não sei quanto tempo que não se inaugurava uma obra central. Mas eu acho engraçado, porque, em uma ponta estavam inaugurando o calçadão, e, na outra, o pessoal da prefeitura ainda fazia a lavagem do piso. O calçadão é tão simbólico que, quando o Valdeci Oliveira²² – que dizia que ia faxinar a cidade – venceu as eleições para prefeito, ele mesmo foi lavar o calçadão. Então, esses são detalhes pitorescos que a gente vai somando.

BINATO: Agora, eu vou fazer uma crítica a respeito desse encontro social, que eu gostaria que houvesse, mas que não ocorreu. O meu projeto não foi totalmente executado. Eu previ que, na frente dos bares ou locais como esses, tivessem mesas na calçada, atividades de animação, música ao vivo. Por que não? Lamentavelmente, os comerciantes não compreenderam isso. Eles alegavam que vinha muita chuva e que o vento era muito forte. Mas bastaria colocar um mobiliário leve e portátil. Eu acho que seria bem animador. Até hoje isso não é aproveitado, não sei por quê. Eu não consegui a verdadeira animação que eu via em outras cidades, principalmente as da Europa. Lá é normal ver o malabarista, o homem da feira fazendo coisas, o palhaço, a banda... A gente vai a Veneza e vê orquestra tocando óperas. Que maravilha! Bem que eu gostaria disso, mas não há essa tradição aqui. Tem os capoeiristas, de vez em quando. Um que outro palhaço, fazendo propaganda do seu trabalho. Só na época do Natal aconteceram algumas dessas situações, uma beleza.

BINATO: Uma coisa que a gente fez também foi um regulamento, porque a gente fazia questão de que o espaço não fosse invadido por camelôs. Não éramos contra o camelô, mas o calçadão não era o espaço previsto para essa atividade. E conseguimos aprovar um regulamento especial, um código de posturas exclusivo do calçadão. Também tinha um guarda da prefeitura que era um sucesso. Ele “botava todo mundo *pra correr*”. E quando eu passava, aí é que ele fazia mais ainda uma encenação, porque ele sabia que era eu quem tinha criado o calçadão. Ele fazia uma encenação absoluta e absurda: “Saia daqui que *tá* chegando o homem responsável pelo projeto!” Mas não houve uma invasão de ambulantes. Não é o maior mal de todos, esse aí.

²¹ Tradicional loja de calçados da cidade de Santa Maria (RS), de propriedade de Salvador Isaia.

²² Valdeci Oliveira (n. 1957) é um político brasileiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Foi vereador (1989-1996) e prefeito de Santa Maria (2001-2009), deputado federal (1997-2001) e deputado estadual (2011 até hoje), ambos representando o Rio Grande do Sul. Fonte: Câmara dos Deputados. (s.d.). Biografia Valdeci Oliveira. Recuperado em 30 jun.2021 de <https://www.camara.leg.br/deputados/74136/biografia>

5. O calçadão hoje

BINATO: O projeto que hoje está aí não tem nada do original. Nenhuma coisa, a não ser as floreiras que foram reformadas. Nem as árvores restaram. Ele foi se deformando aos poucos. Não houve manutenção. Os elementos de acrílico, com o tempo, o pessoal quebrava e ninguém repunha. Eu não diria que era uma maravilha, mas revolucionou a cidade. Vai olhar como é que era a Primeira Quadra... Não tinha nenhum atrativo. Depois, parecia que era uma cidade diferente, como a gente queria mesmo. Eu tinha até certo orgulho. Mas é uma tradição brasileira ter recursos para implantar uma obra, mas não para mantê-la. Ora, o que acontece quando o espaço não é mantido? É um desperdício de dinheiro público. Agora vem o lado lamentável da questão, né: com a falta de cuidado e de manutenção, o calçadão foi chegando a um estado de “lixo total” (Figura 6).



Figura 6. O calçadão em seus últimos anos com as feições originais. Fonte: AHMSM (1998).

ficou com umas inclinações agudas, que impedem a acomodação confortável dos pés. As originais tinham um balanço, para permitir essa função. Depois, em outra administração, a do Cezar Schirmer²³, foi colocado um elemento impeditivo para a função de assento. Eu lamento, porque, né, eu concebi aquilo *pra* ver a gurizada sentada (Figura 7).

BINATO: Eu não fiz esse projeto dos anos 2000. Eu não estou dizendo que é pior, não me cabe criticar colegas. Nem sei quem fez, mas o povo parece que não gostou muito. E não foi uma obra durável, a granitina do piso logo começou a estragar e está aí o resultado. O piso ficou muito escuro também. Mas eu vejo, como cidadão, que podia ter sido melhor. Eu acho descuidado, parece que o povo não ama o calçadão. Eu não estou



Figura 7. O calçadão após a remodelação dos anos 2000, com floreiras menos funcionais e piso menos imagético. Fonte: o autor.

BINATO: Vamos voltar *pra* 2000, quando eu fui Diretor de Patrimônio na gestão do Valdeci Oliveira. Eu não cheguei a ficar muito tempo no cargo, pois logo depois eu assumi a criação do Curso de Arquitetura da ULBRA e deixei a prefeitura. Foi aí que eu ouvi: “Vai ser restaurado o Calçadão”. Eu “caí pra trás” de feliz. O que eu entendo por restaurar? Voltar ao estado original, corrigir alguma coisa que não estava boa, mas manter a feição tradicional. Fiquei muito contente. Mas o que aconteceu foi que chegou um trator e arrasou tudo. Eu lamentei, eu chorei, porque eu imaginava que fosse ser restaurado. Mas não, foi feito outro projeto. Arrasaram tudo, inclusive as floreiras de concreto. A concepção original era que fossem floreiras que também funcionassem como banco para as pessoas ficarem ali em sua volta. A estrutura das novas floreiras ficou com umas inclinações agudas, que impedem a acomodação confortável dos pés. As originais tinham um balanço, para permitir essa função. Depois, em outra administração, a do Cezar Schirmer²³, foi colocado um elemento impeditivo para a função de assento. Eu lamento, porque, né, eu concebi aquilo *pra* ver a gurizada sentada (Figura 7).
dizendo que, após esses anos, eu faria um projeto igual ao original. Absolutamente. Seria diferente. Mas eu sonho ainda com um projeto com a estética de hoje, considerando os usos atuais. Os bares ali já diminuíram bastante. Quando diziam, nos anos 1970, “ah, mas agora o pessoal não vai se encontrar ali”, eu chamava o espaço de ponto de encontro. Meio forçado dizer isso hoje, porque as pessoas não têm mais muito onde sentar. Hoje elas andam pelo calçadão. Eu gostaria que, à noite, houvesse mais animação. Eu imaginava usos contínuos. Que se deixasse um espaço para o pessoal passar e se enchesse de mesas ali. Hoje não fazem porque falta vontade da prefeitura e das pessoas. Alguém tem que dar a ideia, *pra* animar isso aí. Eu sonho com isso.

²³ Cezar Schirmer (n. 1952) é um advogado e político brasileiro. Em Santa Maria foi vereador (eleito em 1972, pelo Movimento Democrático Brasileiro - MDB) e prefeito (2009-2016). Fonte: Câmara dos Deputados. (s.d.). Biografia Cezar Schirmer. Recuperado em 30 jun.2021 de <https://www.camara.leg.br/deputados/73480/biografia>



FILIPPE: Tem um projeto novo para o calçadão (Figura 8), o senhor viu?

BINATO: Eu não vi o projeto, mas parece que é uma contrapartida a um empreendimento no Bairro Camobi. Vai ter recursos. Eu acho que eles fizeram o projeto.

Figura 8. Maquete eletrônica do projeto do novo Calçadão Salvador Isaia. Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Maria (2019).

6. As outras obras de pedestrianização

BINATO: O processo não foi só implantar um calçadão. Era de pedestrianização, para recuperar áreas para o pedestre no centro. Foram feitas outras coisas. Foram alargadas as calçadas da Rua do Acampamento, junto à Caixa Econômica Federal, que eram estreitas. O nosso sonho era que o calçadão chegasse até a praça. Bem depois, na administração do Evandro Behr²⁴ (1989-1992), é que foi criado o viaduto para permitir a passagem ampla de pedestres do calçadão para a Praça Saldanha Marinho (Figura 9). Antes, a praça também era menor. Existia uma rua entre a praça e o antigo Fórum. Ali passava carro e virou extensão da praça. Em frente ao Teatro também tinha uma rua, que foi fechada. A Rua Alberto Pasqualini foi fechada e formou-se a chamada Rua 24 Horas, bem depois (Figura 10). Ali na Rua Floriano Peixoto, onde eu moro, era estreitinha a calçada e foi alargada. Tudo para aumentar a área do pedestre.



Figura 9. Passagem de pedestres entre o calçadão (à esquerda) e a Praça Saldanha Marinho (à direita) através do Viaduto Evandro Behr. A Rua do Acampamento foi rebaixada para passagem dos veículos e as suas calçadas junto aos taludes gramados foram alargadas. Fonte: AHMSM [entre 1991 e 2000].

²⁴ Evandro Cloacir Behr, engenheiro e ex-diretor-geral do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER), eleito prefeito de Santa Maria para a gestão 1989-1992 pelo antigo Partido Democrático Social (PDS), sucessor da ARENA. Fonte: Tribunal Regional Eleitoral. (s.d.). Resultado das eleições municipais – Santa Maria. Recuperado em 30 jun.2021 de <https://www.tre-rs.jus.br/o-tre/memorial-da-justica-eleitoral-gaucha/acervo-do-memorial-da-je-gaucha/resultados-de-eleicoes-1/municipios-de-l-a-z/santa-maria>

BINATO: E já se tinha previsto fechar a Segunda Quadra da Dr. Bozano também, essa que agora foi desastrosa²⁵ e não deu certo. Em minha opinião, não foi por causa da população em geral. Foi o pessoal dos carros, que querem continuar tendo prioridade no espaço. Justificaram que sem o estacionamento em frente às lojas, as vendas diminuiriam. Mas quem estaciona ali, não necessariamente vai fazer compras. Esteticamente a intervenção não foi boa. Não funcionou nada. Mas a justificativa de diminuir as vendas por causa disso, eu acho impossível.

FILIPPE: A população ficou muito resistente em relação a essa intervenção atual na Segunda Quadra. Como foi na época do Calçadão da Primeira Quadra?

BINATO: Durante a obra, sofremos a crítica de alguns comerciantes, não muitos, os palpiteiros da cidade. As críticas eram assim: “estamos vendo que estão colocando umas grelhas para o esgoto pluvial. Provavelmente as mulheres vão quebrar o salto alto quando passarem por elas”. Mas, que eu saiba, ninguém quebrou. Havia pouca gente que não queria o calçadão. As pessoas queriam novidades. Eu sou muito amigo do Prof. James Pizarro²⁶, conhece? Ele defendia o calçadão. Nós tínhamos alguns comerciantes a nosso favor. O Salvador Isaia, dono das casas Eny, foi tão favorável à obra, a ponto de, depois de morto, colocarem o nome dele no calçadão. Um dos mais entusiasmados foi o Pedro Saccol, que era presidente do Clube dos Diretores Lojistas e tinha uma loja chamava Central de Máquinas. Ele confiava que isso aqui iria valorizar as lojas, como de fato valorizou. Consagrou o uso comercial. Outro grande defensor foi o advogado Máximo José Trevisan²⁷.



Figura 10. Estrutura da extinta Rua 24 Horas na Alberto Pasqualini, via paralela ao calçadão da Dr. Bozano.

Fonte: AHMSM [entre 1991 e 2000].

FILIPPE: Então, não houve protestos, como aqueles organizados em Curitiba²⁸ antes da inauguração do calçadão de lá?

BINATO: Não. Aqui vinha gente até de outras cidades para olhar o calçadão. Ele era até excessivamente iluminado, eu posso te dizer: era ofuscante de tanta luz que tinha. Ele colocava a cidade para cima. Eu me lembro de que saiu uma charge no *A Razão*²⁹ – Clovis era o chargista – que desenhou as pessoas indo de óculos Ray-Ban no calçadão por causa da iluminação. Acho até que foi um elogio, afinal, a luz era segurança.

²⁵ O concurso público da prefeitura chamado “Reviva Bozano” foi lançado em 2018. Estudantes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo da cidade foram convidados a proporem um projeto de intervenção experimental, passível de reversão, na Segunda Quadra da Rua Dr. Bozano, contígua ao calçadão. O edital estabelecia que, ao longo desse trecho, seria mantida apenas uma faixa central para circulação de veículos e a maioria das vagas de estacionamento daria lugar para ampliações do espaço das calçadas, demarcadas através de pintura colorida no piso e balizadas com floreiras de concreto. Com algumas diferenças em relação ao projeto vencedor, a execução da intervenção acabou sendo malsucedida. As críticas negativas na mídia partiram principalmente dos lojistas da quadra, que argumentaram que a falta de estacionamento estava diminuindo muito as suas vendas. Nas redes sociais, a população em geral manifestou-se contrária à intervenção para a coletividade e favorável a priorizar os automóveis particulares, levando as autoridades a reverterem a rua à situação anterior.

²⁶ James Pizarro (n. 1942) é engenheiro agrônomo formado em 1966 pela UFSM, onde foi professor (1967-1996). Foi também produtor/apresentador do programa ‘Antes que a Natureza Morra’ (1976-1996) na Rádio Universidade. É editor dos blogs ‘Antes que a Natureza Morra’, ‘Professor Pizarro’ e ‘Os Tripulantes do Meu Afeto’.
Fonte: Pizarro, J. (2010). Os morros de Santa Maria vão deslizar... Revista digital do Conexão UFSM. Recuperado em 30 jun.2021 de <http://coral.ufsm.br/revista/numero02/pizarro.html>

²⁷ Máximo José Trevisan é um advogado, professor aposentado da UFSM e escritor membro da Academia Santa-Mariense de Letras.

²⁸ A aceitação do calçadão não foi unânime entre os motoristas curitibanos: alguns deles planejavam avançar com os carros sobre o novo espaço no dia de sua inauguração, como forma de protesto ao fechamento do trânsito. Fonte: Wille, J. (2018). História da primeira rua só de pedestres do Brasil em Curitiba. 2018. Recuperado em 05 mar.2021 de <https://www.youtube.com/watch?v=hVOTNS91N2M&feature=youtu.be>

²⁹ *A Razão* foi um jornal publicado em Santa Maria (RS) entre 1934 e 2017.

FILIPE: Não houve críticas de motoristas a respeito de perder espaço de circulação?

BINATO: Não, porque há 40 anos era bem diferente. Mas eu nunca “dei bola”. No máximo, desconfianças enquanto não estava pronto e sobre o barulho da obra.

FILIPE: Nunca se pensou em um calçadão na Rua do Acampamento, que também é comercial?

BINATO: Se pensou na época do Plano Diretor, mas se percebeu que ela é um corredor de ônibus pela sua própria natureza. Ela forma o mais importante eixo de circulação da cidade, de norte a sul. Mas eu tenho uns sonhos para a cidade. Por exemplo... A Av. Rio Branco foi muito bem implantada, como se fosse um bulevar de Paris (Figura 11). Uma grande avenida, larga, bonita, com árvores copadas, que ligava dois pontos fundamentais da cidade: o centro e a Estação Ferroviária lá embaixo. Quantos trens chegavam por dia, vindos de Porto Alegre, indo para Cacequi, Uruguai... Até para Buenos Aires e Montevideo. Esse fluxo era vital para a cidade, então se fez essa bela avenida. Mas ela não tem as árvores que ela merecia. Eu sonho com dois túneis verdes ali, para as pessoas circularem com conforto. Eu gosto muito de caminhar. Coisa mais chata é andar ali do lado da Catedral, sem árvores: é um “solaço”. Mas essa cidade não gosta de árvore. Se a avenida fosse arborizada, para o pedestre seria até melhor que o calçadão.



Figura 11. A Av. Rio Branco, concebida como bulevar dotado de canteiro central com bancos, liga o centro à antiga Estação Ferroviária. Fonte: o autor.

7. Ficha Técnica



Figura 12. Prof. Luiz Gonzaga Binato de Almeida (à esquerda) durante a entrevista a Filipe Bassan Marinho Maciel (à direita). Foto: o autor.

Luiz Gonzaga Binato de Almeida – entrevistado.

Arquiteto pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1972). Especialista em Engenharia de Segurança (1978), pela Universidade Federal de Santa Maria. Foi professor na Unisinos, UFSM e Ulbra Santa Maria. Foi produtor artístico em Santa Maria. É sócio da empresa Guilherme de Almeida – Arquitetura e Produção Cultural, de Porto Alegre.

Filipe Bassan Marinho Maciel – entrevistador.

Arquiteto pela Universidade Federal de Santa Maria (2014). Mestre (2018) e doutorando em Planejamento Urbano e Regional, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador no grupo Dinâmica Espacial e Sociedade, da UFRGS. Foi professor substituto do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria (2017-2019).

Entrevista realizada na *Confeitaria Copacabana*, no Calçadão Salvador Isaia, cidade de Santa Maria (RS) Brasil, na quarta-feira, 06 de junho de 2019, das 14h30min às 15h45min (Figura 12).

8. Referências

AHMSM - ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SANTA MARIA. (n.d.-a). *Calçadão da Rua Doutor Bozano*. Retrieved March 5, 2021, from http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documental/index.php/q6i7z;jsad

AHMSM - ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SANTA MARIA. (n.d.-b). *Calçadão da Rua Dr. Bozano*. Retrieved March 5, 2021, from http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documental/index.php/108b8;jsad

AHMSM - ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SANTA MARIA. (n.d.-c). *Rua do Dr. Bozano*. Retrieved March 5, 2021, from http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documental/index.php/s23ka;jsad

AHMSM - ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SANTA MARIA. (n.d.-d). *Viaduto Evandro Behr*. Retrieved March 5, 2021, from http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documental/index.php/p9ytl;isad

AHMSM - ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SANTA MARIA. (n.d.-e). *Vista aérea do Calçadão*. Retrieved March 5, 2021, from http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documental/index.php/affqe;isad

AHMSM - ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SANTA MARIA. (n.d.-f). *Vista parcial da Rua 24 Horas*. Retrieved March 5, 2021, from http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documental/index.php/6zbsz;isad

AHMSM - ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SANTA MARIA. (1998). *Calçadão da Rua Dr. Bozano*. http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documental/index.php/bvjnj;isad

Gehl, J., & Svarre, B. B. (2017). A dimensão humana: uma abordagem sustentável do planejamento urbano. In V. Andrade & C. C. Linke (Eds.), *Cidades de pedestres* (1st ed., pp. 12-17). Babilonia Cultural Editorial.

Google. (2021). *Centro de Santa Maria (RS)*. Google Maps. <https://www.google.com.br/maps/@-29.6841753,-53.8083804,990m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>

Jacobs, J. (2000). *Morte e vida de grandes cidades* (1st ed.). Martins Fontes.

Maciel, F. B. M., Fialho, D. M., & Rigatti, D. (2021). Da Primeira Quadra ao Calçadão: narrativas sobre a pedestrianização do centro de Santa Maria (RS). *Paisagem e Ambiente*, 32(47), 1-18. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2021.173280>

Mehta, V. (2013). *The street: [A quintessential social public space]*. Routledge.

NACTO - NATIONAL ASSOCIATION OF CITY TRANSPORTATION OFFICIALS. (2018). *Guia global de desenho de ruas*. Senac São Paulo.

Prefeitura Municipal de Santa Maria. (2019). *Obra do novo Calçadão Salvador Isaia, em Santa Maria, começa no dia 8 de janeiro de 2020*. <https://www.santamaria.rs.gov.br/noticias/20091-obra-do-novo-calcadao-comeca-em-janeiro-de-2020#>